

## RABELAIS: Satirizando o velho mundo

\* Gislene Miotto Catolino Raymundo

**RESUMO:** Este texto constitui o resultado das reflexões realizadas sobre a educação para Rabelais, especificamente em sua obra “Gargantua e Pantagruel”. A análise de sua obra nos possibilitou compreender de maneira mais sensível os séculos XVI e XVII, de efervescentes acontecimentos, em que os homens acreditavam em seu poder de ação e de transformação da realidade. Portanto, em comum e em vigor surge uma nova forma de perceber o homem, diferentemente da concepção da Idade Média. Também uma nova prática, que não apresenta características da filosofia escolástica. Considerando que Rabelais é aceito como legítimo representante do pensamento moderno, principalmente, no que diz respeito à educação, recolhemos de sua obra críticas feitas à escolástica quanto ao conteúdo e a forma de ensinar, sugestões e princípios para um ensino bem sucedido e questões necessárias para a formação do homem moderno.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação, homem, modernidade.

Francisco RABELAIS nasceu em plena época das grandes navegações e morreu no auge das descobertas renascentistas.(1483-1553). Iniciou seus estudos com os franciscanos e, mais tarde, entrou para a ordem de São Bento. Permaneceu pouco tempo na vida monástica; abandonando-a, começou a viajar e a conhecer o mundo afastando-se da teologia e estudando medicina. Seu trabalho mais famoso é uma novela que foi colocado, pelo Papa no Index, rol de livros proibidos pela Igreja: Fatos e Façanhas de *Gargântua* e de seu filho *Pantagruel*.

Esta novela critica, veementemente, de forma depreciativa, os costumes da época; faz uma caricatura da educação escolástica mostrando que o homem formado nesses ensinamentos se torna um imbecil diante das necessidades de seu tempo. Defende a idéia de que *a verdade é filha do tempo*<sup>1</sup> e, por isso, quer mostrar outros métodos para ensinar aos jovens.

---

\* Mestre em Fundamentos da Educação – Universidade Estadual de Maringá –Pr. Docente do Curso de Pedagogia e Ciências Biológicas do CESUMAR; Docente do Curso de Pedagogia da FAFIMAN.

<sup>1</sup>: Esta idéia de Bernard Chartrees (1091-1153), é retomada por Rabelais e por Erasmo no Renascimento.

Suas idéias são vistas como grosseiras e rebeldes mas elas nos dão a oportunidade de ver as características mais importantes que, pela educação, podem, segundo RABELAIS, garantir a nova sociedade.

*Gargântua e Pantagruel*, como ele próprio adverte vai muito além do que seu título sugere, vai além do interesse pedagógico, pois, nas entrelinhas, expressa a necessidade de mudanças na organização social. Trata-se de uma época de transição que aponta para caminhos contrários dos até então trilhados. RABELAIS utilizando-se da sátira, faz irônicas e mordazes críticas à sociedade feudal, apontando em suas instituições, principalmente na Igreja, a ausência de cultura, de trabalho e de objetividade, valores ou questões que estão se tornando símbolos da nova ordem.

Ainda que suas críticas sejam muito duras para a Igreja, RABELAIS não rompe com a instituição ou renega sua fé em Deus. A base de seu ataque reside na forma nova de ver o homem como atividade responsável, e nesse ponto só pode lembrar-se da inutilidade dos membros da Igreja. Rindo, RABELAIS critica a instituição que representa todo o poder feudal mas, ao mesmo tempo, vive no ócio. Para ele, manter o poder comendo, dormindo e voltando a comer é, no mínimo engraçado, e situações sociais desse tipo devem ser objeto de riso.

Como ele (1991:31) próprio diz: *muito mais vale o riso do que o pranto. Ride, amigo, que rir é próprio do homem*. Acentuamos aqui que o riso durante a Idade Média, não faz parte da prática dos homens, ao contrário, era proibido. Essa característica da alegria, de ter ou buscar o prazer físico é próprio aos homens da modernidade. Faz parte do humanismo renascentista. Facilmente, nos documentos da Idade Média, principalmente os que descrevem a vida nos mosteiros, nos falam de como o riso era desprezado. Lembramos aqui São Bento, que, fazendo recomendações aos monges diz: as brincadeiras, as palavras à-toa e as que provocam riso, nós as proibimos em todo lugar e para sempre. O décimo degrau da humildade é quando o monge não se mostra fácil e desperto ao riso, pois está escrito: O tolo amplia a sua voz no riso. O décimo primeiro degrau da humildade é quando o Monge, ao falar, o faça de maneira suave e sem riso, humildemente. (SÃO BENTO, 1992, p.34-35)

O riso é uma troca com o mundo. É uma consentida exteriorização dos sentimentos. A posição oficial da cultura medieval assentava-se na interiorização, na obediência (não na interação), no autoritarismo, sempre associado ao medo e intimidação: *medo do poder divino e humano, dos mandamentos e proibições, autoritarismos, da morte e dos castigos além-túmulo, do inferno, de tudo que era mais temível que a terra.*(BAKHHTIN,

1987, p.78). Cultuar a meditação, refletir sobre os próprios pecados, treinar a paciência, o silêncio, tornar-se alheio às coisas do mundo, odiar a própria vontade, eram algumas das virtudes que os homens deveriam conservar.

Mas, no século XVI os comportamentos valorizados já são outros. Gradativamente os homens vão assumindo uma nova forma de comportar-se em sociedade, que lhes impulsionou assumir uma prática onde o ato de rir, expressava, inclusive uma dúvida sobre os valores da velha sociedade. Desta fase RABELAIS é o seu grande intérprete.

A vitória do riso sobre a seriedade nos indica uma transformação nos homens que passa pela coragem de enfrentar o mundo. O riso não impõe nenhuma interdição ou restrição à vontade humana, podendo qualquer pessoa caminhar livremente, como senhora de seu próprio destino. Portanto, ao derrotar o medo, o riso revelava aos homens uma crítica que os encaminhava para outra forma de ser. Era a necessidade de agir diferentemente neste novo mundo que Rabelais queria revelar, como sendo uma realidade possível aos homens de sua época. Isto porque, nas entrelinhas de suas sátiras existia algo sério: a seriedade estava depositada em negar os valores da organização feudal, da educação feudal. Rir da Igreja, que representava o poder e a força política da sociedade medieval, era rir da velha sociedade que negava aos indivíduos o princípio ativo de sua existência, isto é, negava a atividade humana intencional como única fonte de riqueza. RABELAIS, coerente com o seu tempo, independentemente do uso que faz do riso para ensinar, concentra seus esforços para que os homens trabalhem. Esta consideração sobre a necessidade de trabalho reforça o perfil do novo homem como aquele que se opõe à inércia, ao ócio. *Do ócio ao negócio!* A dignidade do homem está associada ao trabalho dele, no desejo de interferir ativamente em todos os setores da vida, no desejo de responsabilizar-se pelo que é e pelo que faz. Agora, só se constata valor no homem quando o resultado concreto de suas atividades aparece publicamente. Neste sentido critica os membros da Igreja por viverem na ociosidade:

*Mas se entendeis porque um macaco em uma família é sempre ridicularizado e maltratado, compreenderéis porque os monges são sempre repelidos, pelos velhos e pelos moços. O macaco não guarda a casa como um cão; não puxa a charrua, como o boi; não produz leite nem lã, como a ovelha; não carrega fardos, como o cavalo... Semelhante um monge (refiro-me àqueles monges ociosos) não trabalha, como o camponês; não guarda o país, como o soldado; não cura as moléstias, como o médico; não prega*

*nem doutrina no mundo, como o bom doutor evangélico e pedagogo; nem transporta as mercadorias e as coisas necessárias à vida, como o negociante. É a causa de todos eles serem repelidos e odiados.* (RABELAIS, 1991, p.197-198)

RABELAIS refere-se aos membros da Igreja de modo depreciativo, chama-os de inúteis para a sociedade porque sua natureza exige (apenas) que eles durmam depois de comerem e comam depois dormirem, do mesmo modo como os sem-razão fazem. Neste sentido, clama para que os membros da Igreja deixem de ser ociosos, assumam atividades mais práticas e transformem sua doutrinação estéril em instrumento de preservação dos bons costumes. A natureza do clérigo, caso inserido nesta formação social nascente seria semelhante a do Frei Jean:

*Ele não é carola, não é petulante; é simples, alegre, bem disposto, bom companheiro. Trabalha, defende os oprimidos. Conforta os aflitos, socorre os sofredores, guarda o horto do convento. - Faço bem mais, disse o monge... Jamais fico ocioso. ( RABELAIS, 1991, p.199)*

A igualdade burguesa se inicia pela obrigação de cada homem tomar a si a responsabilidade do trabalho. Todos os homens na literatura do Renascimento, independentemente da classe social, poder ou hierarquia, são convocados a sair do ócio. A crença na capacidade do homem transformar faz dele, progressivamente, o centro e a medida de todas as coisas. Entende-se portanto, que o homem está liberto da predestinação, da fatalidade. Com isso a valorização do indivíduo como agente dinâmico é eminente e isto não deixa de ser um dos alicerces da prática burguesa. Este alicerce deve ser garantido pela educação, que, nesta modalidade, se oporá terminantemente à educação anterior. Especificamente, no capítulo XV da obra de RABELAIS, podemos notar a convicção do autor quanto à ineficiência da educação medieval ao relatar as duas formas como *Gargântua* fora educado.

Diz o autor que, na primeira fase de formação de *Gargântua* este foi educado por mestres sofistas que fundamentaram seu trabalho nos preceitos da escolástica, o que fez com que ele ficasse, por longos anos, aprendendo tudo de cor e salteado. Apesar de destinar tantos anos de sua vida à memorização de vários livros e ao estudo do grego e do latim, *Gargântua* não aproveitava nada!

*E o que era pior, tornava-se tolo, simplório, sempre pensativo e distraído ... melhor lhe valia nada aprender*

*que aprender de tais livros, com tais preceptores. Pois o seu saber não passava de tolices, e sua sapiência não passava de pedantismo, abastardando os bons e nobres espíritos e corrompendo a flor da juventude.*( RABELAIS, 1991, p. 93)

RABELAIS, com esse discurso, quer nos mostrar que a educação escolástica, devido à ineficiência de seu saber perante a racionalidade da nova ordem, não consegue transformar Gargântua de ser natural em ser cultural, isto é, não consegue transformá-lo em um jovem apto e capaz para enfrentar os desafios da nova realidade. Segundo este crítico (1991:117), a prática escolástica levava Gargântua a ter uma vida cheia de vícios, que se resumiam em: a) beber, comer e dormir; b) decorar livros, mesmo sem compreender o seu conteúdo; c) recitar obras, sem refletir, de cor e salteado; d) não ter nenhuma preocupação com horários; e) acordar sempre tarde; f) passar o tempo com futilidades ou divertimentos inúteis e estúpidos; g) não ter nenhuma higiene corporal; h) não praticar qualquer tipo de exercício físico; i) assistir a quase trinta missas por mês sem prestar atenção a nenhuma delas; j) estudar com os olhos pregados no livro, mas com a alma na cozinha.

Ao falar dos vícios de *Gargântua*, RABELAIS volta a descrever a vida indolente e preguiçosa dos monges, dos religiosos e, conseqüentemente, a incapacidade deles de transformarem *Gargântua* em um indivíduo moderno, interagindo com a natureza, integrado nos acontecimentos de seu tempo e a frente deles. Denunciou a prática pedagógica desses mestres como incapaz de fazer o homem sair de situações difíceis ainda que corriqueiras e, para isso, usou (1991:38) de um recurso literário, pelo qual compara *Gargântua* com *Eudemão* um jovem moderno que estudou dois anos sob a nova orientação humanística e que demonstrou ser inteligente e culto. Dessa comparação, mostra *Gargântua* como um incapaz, sem iniciativa, sem coragem, um ser que não consegue criar nada com sua própria cabeça. Diz RABELAIS:

*Mas a única reação de Gargântua foi começar a chorar como um bezerro desmamado, e escondeu o rosto em seu chapéu, não sendo possível arrancar-lhe uma palavra do que arrancar um peido de um asno morto.*(RABELAIS, 1991, p. 94)

O interessante é que, neste ponto, na novela, o pai de *Gargântua* ficou enfurecido e despede o Mestre Jobelin-Bridé,<sup>2</sup> responsável por parte da primeira formação de *Gargântua*. Inicia-se, assim, a segunda fase de sua formação, agora nos moldes da educação moderna e, para isso, um

novo preceptor é contratado: Ponocrates, que significa em grego homem laborioso, capaz de transformar um imbecil em um homem sábio, integrado à vida ativa.

A partir de então um outro tipo de educação começa a ser ministrado para formar *Gargântua*. A diferença entre a formação escolástica e a educação moderna é notória. O novo *Gargântua* apresenta um comportamento totalmente oposto do anterior: a) levanta-se cedo; b) não perde uma hora do dia com banalidades; c) *todo o seu tempo* [é consumido] *nas letras e no honesto saber*;<sup>3</sup> d) faz a leitura da bíblia; e) utiliza-se dos jogos (antes simples passatempo) para desenvolver o raciocínio matemático; f) ocupa-se, também, de outras ciências como a Astronomia, a Geometria e a Música; g) discute as lições com os mestres; h) exercita o corpo; i) pratica vários esportes; j) observa atentamente a natureza comparando o que os antigos haviam escrito sobre o assunto; k) come apenas para satisfazer as necessidades do estômago; l) visita viajantes ou pessoas ilustres; m) recapitula com o seu preceptor tudo o que aprendera durante o dia; n) e, por fim, reafirma sua fé em Deus, adorando-o, para, depois, entregava-se ao sono.

Além disso tudo, *Gargântua*, quando o dia estava frio e chuvoso: a) estudava arte, pintura e escultura; b) visitava os operários e os artesãos observando seus ofícios; c) exercitava-se na esgrima; d) ia “*ouvir as lições públicas, os atos solenes, os ensaios, as declamações, as argumentações dos nobres advogados, os sermões dos pregadores evangélicos*”;<sup>4</sup> e) visitava as lojas dos drouguistas, herbanários e boticários examinando cuidadosamente os frutos, raízes, folhas, gomas, sementes, assim como a maneira de adulterá-los; f) e, também, ia ver os saltimbancos, pelotiqueiros e malabaristas, observando seus gestos artimanhas e palavras.

A descrição das duas fases de formação de *Gargântua* deixa ao leitor maior clareza sobre a menor importância que a memorização vai ter para a educação moderna. A maioria dos conhecimentos desse personagem, depois da troca de preceptor, é adquirida na prática. Observando, experimentando e analisando, a nova forma de educação é dirigida para a formação de um novo homem que tem na sua atividade o ponto de partida. O aprendiz deve, basicamente, observar e experimentar coisas úteis para a vida.

---

<sup>2</sup>: O nome do Mestre Jobelin-Bridé, representante da educação medieval, foi forjado por Rabelais pejorativamente, significando tolo.

<sup>3</sup>: Rabelais, 1991, p.124.

<sup>4</sup>: Rabelais, 1991, p.136.

E é isso que o pai Gargântua vai dizer ao filho *Pantagrue* quando se encontram em Paris. Apesar de *Pantagrue* viver numa época em que a invenção da imprensa possibilitou a divulgação da cultura, podendo ter acesso a diversas literaturas (antigas/sagradas), *Gargântua* adverte ao filho que não deveria buscar os conhecimentos somente nas fontes escritas mas, aproveitando a oportunidade da viagem, deveria buscar o saber observando a própria vida dos homens, isto é, observando os homens em sua atividade laborativa. É neste sentido que *Gargântua* solicita ao filho:

*E quanto ao conhecimento dos fatos da natureza, quero que a eles te apliques curiosamente, que não haja mar, rio ou fonte cujos peixes não conheças; todas as aves do ar, todas as árvores, todos os arbustos e frutos das florestas, todas as ervas da terra, todos metais escondidos no ventre dos abismos, as pedras de todo o Oriente e do Meio-dia, nada te seja desconhecido.*(RABELAIS, 1991, p. 306)

Também, segundo o pai, *Pantagrue* deveria estudar anatomia para que adquirisse *perfeito conhecimento de outro mundo, que é o homem*<sup>5</sup>. Era uma necessidade fugir dos médicos que desconhecem o corpo humano. Importante, para a época, era conhecer nervos, músculos, ossos, suas ligações mais do que condenar curandeiros. Observar para eliminar prováveis problemas, inclusive de saúde pública, é uma prática avançada que se opõe à concepção de doença da Idade Média. O estudo da natureza é o dado da modernidade. O conhecimento obtido através da prática da observação e experimentação passa a constituir a qualidade do homem moderno, mas isto não exclui da vida o seu comprometimento religioso.

*Gargântua* também não esquece a importância da religião e, por isso, adverte ao filho que:

*a sapiência não deve existir em alma maligna, e ciência sem consciência não é senão a ruína da alma, convém-te servir, amar e temer Deus.*(Id, Ibid, p. 307)

*Gargântua* não abandona a sua crença em Deus e valoriza os preceitos religiosos para a vida prática. A modernidade não exclui a religiosidade ou a afirmação de princípios para regular a conduta humana. Concordando com a mudança social e privilegiando as atitudes que a favoreçam RABELAIS reconhece os enganos do mundo, a transitoriedade das coisas da terra e, para isso, aconselha, através de *Gargântua*, a manter

---

<sup>5</sup> : Id. Ibid. p.141.

elos com Deus porque o mesmo é eterno, sábio e impede a ruína das almas se for usado como guia.

Através da análise da obra de RABELAIS podemos perceber o século XVI como um momento de transição, no qual o homem gradativamente vai mudando a sua forma de agir em sociedade. Neste conjunto de transformações os homens começam a analisar o mundo sob outra perspectiva. De uma visão centrada no sobrenatural, em um Deus que tudo explica, os homens passam a acreditar em si mesmos, como homens que providenciam uma nova sociedade. A atividade que é valorizada é a humana e não a atividade da Divina Providência. Os homens ao substituírem o céu pela terra, conseguem libertar-se dos preceitos religiosos e passam da contemplação à ação, isto é, passam a interessar-se pelas coisas humanas e pela natureza. Homens modernos procuram conhecer as coisas da natureza, afim de dominá-la e colocá-la a disposição de seus próprios interesses. Nesta transição, a educação escolástica caso fosse ministrada contrariaria tudo aquilo que se esperava do homem moderno.

A importância de RABELAIS para nós, neste trabalho, está justamente no fato dele registrar o que caracteriza o homem moderno, a educação moderna, como a modernidade se constitui em matéria de ensino. De forma resumida, podemos dizer que o conhecimento com base na observação, na experimentação das coisas do mundo, das coisas da natureza, do homem é o marco que assinala a oposição entre o ensino feudal e o ensino moderno. Outras marcas da modernidade, encontradas em sua obra são: a) a negação do ensino abstrato, negação do ensino puramente teórico ou religioso; b) a negação do verbalismo; c) a afirmação da busca de conhecimentos sobre a vida dos homens (em sociedades diferentes); d) a estimulação para busca conhecimentos práticos; e) o conhecimento para a preservação da saúde; f) a disciplina do corpo e a administração do tempo gasto em diversas atividades; g) a necessidade de uma ocupação social definida; h) a preservação da ligação com Deus por atos de fé.

**ABSTRAT:** This text is a result of reflections about education in Rabelais, specifically in his work “Gargantua e Pantagurel”. The analysis of his work enabled us to realize in a sensitive way the centuries XVI and XVII, time of so great happenings, when the men believe in their power of action and transformation of the reality. Therefore, in common and in validity, a new way of understanding the man came out, differently from the middle age, and also in a new practice that does not show characteristics of the scholasticism philosophy. Considering that this thinker is acceptable as the

legitimate representative of modern thinking mainly about education, we took some of his criticism from his works in which he wrote how to teach, gave suggestions and rules to a successful way to form a modern man.

**PALAVRAS-CHAVE:** education, man, modern

## **REFERÊNCIAS**

- BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.
- GREEN, V.H.H. Renascimento e Reforma.** Lisboa: Dom Quixote, 1984.
- RABELAIS, François. Gargântua e Pantagruel.** Tradução: David Jardim Junior. V. I e II. Rio de Janeiro: Vila Rica Editoras, 1991.
- SÃO BENTO. A regra de São Bento.** Tradução Dom Basílio Penido, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1992.